

## Representações sobre a estiagem no semiárido: uma análise do jornal Correio da Paraíba<sup>1</sup>

Chrisley Wellen do Vale MENDONÇA<sup>2</sup>  
Danilo César da Silva MONTEIRO<sup>3</sup>  
Douglas de Oliveira DOMINGOS<sup>4</sup>  
Marcella Silva Mousinho MACHADO<sup>5</sup>  
Maryellen Ingrid de Araújo BÃDÃRÃU<sup>6</sup>  
Paula Yasmim Pessoa da SILVA<sup>7</sup>  
Sandra Raquew dos Santos AZEVÊDO<sup>8</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### RESUMO

Esse artigo discute os resultados parciais de uma pesquisa em andamento intitulada *Observatório do Jornalismo no Semiárido*, que reflete aspectos do agendamento midiático centrado nas representações sociais sobre o fenômeno da seca, bem como as práticas de convivência com o Semiárido Paraibano veiculadas na imprensa paraibana, nos Jornais *Correio da Paraíba*, *Jornal da Paraíba* e *A União*. Nesse artigo, analisamos o jornal *Correio da Paraíba*, observando as representações da agenda-setting, num período caracterizado pela imprensa como a maior estiagem nos últimos 50 anos. Buscamos compreender esse fenômeno social a partir do mapa de significação cultural constituído pelos processos de produção de notícias, com o monitoramento das práticas de agendamento do jornal escolhido como objeto de estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** agendamento; água; convivência; seca.

### INTRODUÇÃO

O Observatório do Jornalismo no Semiárido é um projeto de pesquisa e monitoramento de mídia, centrado no noticiário produzido pelos jornais impressos paraibanos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

<sup>2</sup> Estudante de Jornalismo UFPB, email: [chrisleywellen02@gmail.com](mailto:chrisleywellen02@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Jornalismo UFPB, email: [monteirodann@gmail.com](mailto:monteirodann@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Jornalismo UFPB, email: [douglasoliveira\\_96@hotmail.com](mailto:douglasoliveira_96@hotmail.com)

<sup>5</sup> Estudante de Jornalismo UFPB, email: [marcellamachado@live.com](mailto:marcellamachado@live.com)

<sup>6</sup> Estudante de Jornalismo UFPB, email: [maryellen\\_indrig@hotmail.com](mailto:maryellen_indrig@hotmail.com)

<sup>7</sup> Estudante de Jornalismo UFPB, email: [yasmimpessoa@gmail.com](mailto:yasmimpessoa@gmail.com)

<sup>8</sup> Orientadora do trabalho. Docente do Curso de Jornalismo e do PPGC da UFPB, email: [criticadasmidias@gmail.com](mailto:criticadasmidias@gmail.com)

*Correio da Paraíba, Jornal da Paraíba e A União*. No entanto, no processo de investigação, analisamos nesse artigo as notícias veiculadas no jornal paraibano *Correio da Paraíba*, no tocante à construção das práticas de agendamento midiático sobre a última estiagem ocorrida na Região. De acordo com o Documento do Ministério da Integração Nacional que delimita o Semiárido Brasileiro, 170 dos 223 municípios estão inclusos nessa delimitação, ou seja, 75% do território do Estado é semiárido.

A Caatinga é o bioma que predomina na região. Os períodos de chuva concentram-se em quatro ou cinco meses por ano, caracteriza-o por um baixo índice pluviométrico. Segundo o Ministério da Integração Nacional, o problema dessa região não se resume à falta de chuvas, mas à sua má distribuição no território associada a uma alta taxa de evapotranspiração. Entretanto, para nós, a seca não é percebida apenas enquanto fenômeno ambiental, mas enquanto processo sócio-histórico de significação cultural.

Vale salientar que parte relevante do agendamento midiático sobre o Nordeste Brasileiro tem sido produzido sob uma imagem de espaço-problema, devido ao fenômeno das secas, histórico e socialmente. Construiu-se nos meios de comunicação uma representação muitas vezes pautada numa desinformação que contribui para uma percepção preconceituosa e desigual do Nordeste, que, vez por outra, é atualizada na mídia, especialmente nas redes sociais. Isto colabora com a manipulação de uma identidade social das populações do semiárido, a partir daquilo que Goffman (1988) define como *modus operandi*, no qual a má reputação gerada tem uma função óbvia de controle social, em alguns casos operacionalizada através dos processos de agendamento midiático.

Em meados dos anos 1990, emerge na cena cultural do Nordeste, especialmente em Pernambuco, leituras importantes da região, com o *Movimento Manguebeat* que buscou mudar, à sua forma, os olhares sobre o Nordeste. No início do Século XXI, surgiu um debate sobre o aparecimento de novas organizações sociais de base voltadas à formulação e efetivação de projetos alternativos de convivência com o semiárido, o que contribuiu para nutrir outra perspectiva de desenvolvimento para a Região e opôs um paradigma de desenvolvimento até então pautado no combate à seca.

Considerando essa realidade, observamos o surgimento de projetos a partir da ação de ONGs, sindicatos de trabalhadores rurais, associações, isto é, movimentos sociais voltados a ações de sustentabilidade hídrica na região que contribuíram fortemente para a reconfiguração semântica e social desse território. Tecnologias sociais voltadas à convivência com o

semiárido no país foram à luta em favor do acesso a água e de políticas de fortalecimento da agricultura familiar. Aqui na Paraíba, a Articulação do Semiárido Paraibano<sup>2</sup> (ASA), contrinuiu na produção de informações e notícias sobre essa realidade. Esse fórum vem promovendo na região, um debate sobre desenvolvimento sustentável, convivência com o semiárido e agroecologia, conforme resgata Duque:

Em 1993, quando mais uma seca veio atingir o semi-árido, centenas de trabalhadores rurais de todo o Nordeste ocuparam a sede da Sudene, exigindo providências eficazes para amenizar a situação da população. A partir daí iniciou-se um processo de discussão envolvendo mais de 300 entidades, que culminou com um seminário Ações Permanentes para o Desenvolvimento do Semi-Árido Brasileiro – realizado em maio de 1993 nas dependências da Sudene. Como desdobramento, criou-se o Fórum Nordeste, que se propôs a elaborar um programa de ações permanentes, apontando medidas a serem executadas pelo governo para garantir o “desenvolvimento sustentável” do semi-árido (DUQUE, 2008, p. 135-136).

Ressaltamos que, entre tantas iniciativas desse segmento, a construção de cisternas de placas voltadas à sustentabilidade hídrica da região ganhou, na primeira gestão do Governo Lula, status de programa governamental, denominando-se Programa Um Milhão de Cisternas. Iniciativas a exemplo da ampliação do debate sobre a política de preservação de sementes e da biodiversidade, estímulo à produção e consumo de cultivos orgânicos, entre outras, contribuíram para o aparecimento de um agendamento na mídia (McCOMBS, 2004; TRAQUINA, 1999) sobre uma perspectiva emergente de ações de convivência com o semiárido e de sua população, a partir de parâmetros que se diferenciavam da retórica e estigma da seca.

Ao nos debruçarmos sobre as práticas de agendamento midiático, por meio da experiência do Observatório do Jornalismo no Semiárido, identificamos que, de certo modo, houve um deslocamento de uma visão predominante sobre a seca como flagelo no noticiário, a partir do aparecimento de outros cenários de representação. Nessa vivência de monitoramento da mídia e análise do agendamento, refletimos neste artigo sobre o agendamento produzido pelo jornal Correio da Paraíba.

---

<sup>2</sup>A Articulação do Semiárido Paraibano – ASA Paraíba é um fórum que reúne cerca de 300 organizações envolvidas com as temáticas da agricultura familiar de base agroecológica e convivência com o Semiárido, que atuam em mais de 160 municípios da Paraíba nas regiões semiáridas Alto e Médio Sertão, Cariri, Curimataú, Brejo, Agreste e Seridó.

O trabalho do Observatório que traduzimos aqui nesses resultados preliminares foi refletir sobre os enquadramentos e atributos desse processo de agendamento que, de certo modo, deixa em evidência tensões entre dois discursos em momentos conflitantes: uma abordagem voltada ao combate à seca e outra com ênfase nas estratégias e projetos voltados de convivência com o semiárido. Do ponto de vista teórico e metodológico, monitoramos as notícias a partir do entendimento da constituição de uma agenda-setting formada a partir do noticiário do jornal paraibano Correio da Paraíba.

A Teoria da Agenda-setting, nasce no interior de uma abordagem sociológica sobre os processos de produção das notícias e se define enquanto prática social em que as mídias - pelas dinâmicas de seleção, disposição e incidência de suas notícias - passam a guiar os temas sobre os quais serão discutidos publicamente (McCombs, 2008). McCombs (2004) conceitua a teoria da Agenda-setting como um complexo mapa intelectual que ainda se encontra em processo de evolução.

Ao analisarmos qualitativamente notícias veiculadas no Correio da Paraíba, observamos a evolução e mobilidade nos tópicos desse agendamento. Essa análise documental nos possibilitou organizar uma cartografia, a partir do fluxo desse agendamento. Optamos ainda por realizar uma análise do conteúdo pensando não só na visibilidade dessa temática na imprensa, mas também em aspectos relevantes no tocante às representações sociais sobre o binômio seca/convivência com o semiárido.

A análise de conteúdo nos permite identificar, entre outras coisas, enquadramentos e atributos que são socialmente estruturados na produção social dos acontecimentos por diferentes atores sociais. Consideramos que as representações discursivas sobre o semiárido paraibano precisam ser cada vez mais percebidas, sob o horizonte de uma sociologia das mídias, na medida em que a narrativa jornalística sobre esse território e sua população se constitui a partir de uma cultura em que as relações de poder estão cada vez mais midiaticizadas.

A experiência de formação desse Observatório do Jornalismo no Semiárido, enquanto organização de uma equipe voltada ao monitoramento de mídia pensando as realidades regionais, tornou possível tecer uma reflexão sobre as formas simbólicas produzidas socialmente pelo jornalismo, desde suas formas de narrar e produzir significados até processos historicamente específicos e socialmente estruturados, a exemplo das recorrentes narrativas sobre o fenômeno da estiagem nas páginas dos jornais. Somos um grupo de oito pesquisadores, entre estudantes e docentes, que tem discutido uma metodologia de trabalho,

na tentativa de perceber uma cartografia no itinerário da cobertura jornalística sobre as questões acima levantadas.

Compreendemos que as mídias, enquanto fenômenos das sociedades contemporâneas, alteram fundamentalmente as nossas percepções e, de modo particular, nosso entendimento sobre o espaço público. E este, construído cada vez mais através da mediatização das experiências, se reconfigura:

o desenvolvimento dos meios de comunicação se entrelaçou de maneira complexa com um número de outros processos de desenvolvimento que, considerados em sua totalidade, se constituíram naquilo que hoje chamamos de modernidade. Por isso, se quisermos entender a natureza da modernidade – isto é, as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas – deveremos dar um lugar central ao desenvolvimento dos meios de comunicação e seu impacto. (THOMPSON, 2011, p. 24)

Apesar de considerarmos essa análise parcial, visto que essa é uma pesquisa ainda em curso, podemos a partir dessa análise preliminar afirmar que a veiculação de notícias sobre o fenômeno da estiagem e seus impactos sócio-ambientais - tendo como ponto de partida a agenda jornalística - se apresenta por meio do binômio visibilidade/invisibilidade numa dinâmica espaço-temporal marcada pela reprodução dos ciclos naturais que deflagram, no semiárido paraibano, os períodos de estiagem e chuvas.

Ao realizarmos a coleta de dados no jornal Correio da Paraíba, utilizamos como unidade de registro as matérias jornalísticas publicadas entre 2014-2015. Debruçamo-nos nas categorias de análise acerca das temáticas seca e convivência com o semiárido, bem como a identificação nas matérias jornalísticas de eixos específicos, as quais tratamos nesse trabalho como sub-temas, a saber: água/recursos hídricos; infraestrutura; política de crédito; produção agrícola; pesquisa e desenvolvimento técnico; criação de animais; mobilização social; sementes; desertificação e gênero. Levamos em conta também, os gêneros jornalísticos, a localização das matérias jornalísticas a partir das editoriais, a presença ou não de imagens e a identificação de matérias de abrangência nacional sobre as temáticas centrais veiculadas.

## **TÓPICOS, ENQUADRAMENTOS E ATRIBUTOS DO AGENDAMENTO**

Nosso objeto de pesquisa, o Correio da Paraíba, é um jornal matutino de circulação diária no Estado da Paraíba. Faz parte do Sistema Correio de Comunicação e nasceu no aniversário de 368 anos da capital paraibana, tendo como fundadores o jornalista e empresário Teotônio Neto e o jornalista e professor Afonso Pereira. Através deste veículo de comunicação, buscamos tecer um olhar sobre a visibilidade desses tópicos:

Para saber o que se vai pôr num jornal, é preciso, como se diz nas outras redações, organizar a pauta. Notícia para se dar há infinitas no mundo, mas por que dizer que houve um acidente em Bergamo e ignorar que houve outro em Mersina? Não são as notícias que fazem o jornal, e sim o jornal que faz as notícias. (UMBERTO ECO, 2015, p. 57)

Esta consideração do filósofo italiano Umberto Eco nos aproxima do raciocínio proposto pela agenda setting, processo que explica o domínio dos veículos de comunicação sobre a construção de cenários de representação da sociedade e sobre os desdobramentos da recepção dos produtos midiáticos na vida dos enunciatórios. O trajeto de produção da notícia perpassa por diversos meios de controle dos veículos de imprensa, conforme pontua Traquina:

[...] todos, com a exceção dos novos, sabem qual é a política editorial. Quando interrogados, respondem que a aprendem “por osmose”. Em termos sociológicos, isto significa que se socializam e “aprendem as regras” como um neófito numa subcultura. Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e valores. Aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades. (TRAQUINA, 2012. p. 153)

A partir da Análise de Conteúdo das 56 matérias presentes no Jornal Correio da Paraíba, do período de Julho de 2014 a Março de 2015, observou-se que 39 se enquadravam no subtema "Recursos Hídricos". Esta enorme incidência nos apresenta um cenário de representação do semiárido paraibano alicerçado principalmente no debate sobre o acesso à água. É a partir da reflexão sobre estiagem, ancorado ainda hegemonicamente no combate à seca, que se constitui a agenda-setting. Observamos também o "enquadramento urbano" (dos leitores do veículo analisado), a ausência de humanização do relato e uniformização das matérias, e o caráter quase que unidirecional do agendamento.

No *corpus* analisado, percebemos grande parte do fluxo do agendamento orientado por fenômenos naturais, localizando-se no binômio estiagem-chuvas (a partir do aparecimento das primeiras chuvas em 2015; Figura 1). Das 39 matérias que abordavam a questão dos recursos hídricos, 8 se relacionavam com projetos de infraestrutura. Observamos também que a maior

parte das notícias veiculadas no Correio da Paraíba, tratavam do combate à seca, como seus “sintomas” poderiam ser amenizados na vida da população do Semiárido através do racionamento de água em diversos municípios do Estado.

As narrativas encontradas no jornal são construídas a partir do ângulo de vozes oficiais, que se mantém como definidores primários de informação. Isto nos leva à conclusão que a decisão do veículo de imprensa tornar públicos, na capital da Paraíba, os fenômenos naturais que ocorrem no Semiárido perpassa ainda pela influência das instituições que fornecem as informações aos jornalista e de certo modo direcionam a pauta.

B6 Paraíba ■ Sexta-feira, 20 de fevereiro de 2015 Cidades CORREIO DA PARAÍBA

# Chuvvas não abastecem Boqueirão

Chove no Cariri, mas açude continua perdendo água; em Monteiro, ruas e casas ficam alagadas

**FRED OLIVEIRA**

As chuvvas que caíram no final da tarde da quarta-feira, em Monteiro, no Cariri paraibano, provocaram o alagamento de várias ruas e até a queda de uma árvore, no Centro da cidade. Em Taperoá, as precipitações não foram grandes, mas encheram novamente de esperança os moradores das cidades vizinhas e de Campina Grande, por causa do açude de Boqueirão, beneficiado com as chuvvas naquela região. Segundo levantamento da Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba (Aesa), choveu 42 milímetros em Monteiro e 23mm em Taperoá. Também foram registradas precipitações em outros 76 municípios do Estado e a previsão para hoje indica a possibilidade de novas chuvvas.

Mesmo com o registro de chuvvas em Monteiro e Taperoá, que integram as bacias dos rios Paraíba e Teperó, não havia sido registrado até ontem nenhum aumento no volume do açude Epitácio Pessoa, localizado no município de Boqueirão. O Dnocs informou ontem que o manancial continuava perdendo água e estava com 21,6% de sua capacidade, o que deverá ser alterado hoje, quando o reservatório passará por outra medição.

A chuva em Monteiro começou por volta das 17h e se estendeu até as 18h última quarta-feira, sempre de forma intensa e com muitos ventos. Sua força foi responsável pelo alagamento de várias ruas do Centro. Na Rua Coronel Manoel Rafael, uma árvore não suportou a força dos ventos e tombou, mas não provocou danos, apenas interrompendo parcialmente o tráfego de veículos. A Praça João Pessoa, também no Centro da cidade, ficou alagada e muitas casas foram invadidas pelas águas. Apesar disso, a Polícia Militar não registrou nenhum chamado.

**Esperança**

Para a agricultora Maria Aparecida Oliveira Araújo, 58, moradora do Sítio Taboado, no município de Boqueirão, a expectativa é de que continue chovendo na região. “Vou a primeira chuva que já ajudou no Boqueirão, agora essa menor, mas que já ajuda, se chover mais dias da semana a gente tem esperança de mudar essa situação”, disse.

**Nível do reservatório**

Dnocs informou que o Boqueirão só tinha 21,6% de água e hoje deve passar por nova medição

**Registro em 78 municípios**

Segundo levantamento da Aesa, foram registradas chuvvas em 78 municípios em todas as regiões da Paraíba. Entre as maiores quantidades estão Cajazeirinhas (38mm), Poço de José Moura (35,6mm), Soledade (35 mm), Nova Olinda (28 mm), Borborema (25,9mm), São Domingos de Fombal (25,5 mm), Nova Floresta (23,4 mm) e Triunfo (23,2 mm).

Segundo a meteorologista da Aesa, Marle Bandeira, as chuvvas registradas entre a quarta-feira e a madrugada de ontem estão confirmando a previsão do órgão para o período de janeiro a março, de chuvvas esparsas e mal distribuídas geograficamente. Ela informa que a previsão para hoje é de chuvvas isoladas nas regiões do Sertão, Cariri e Curimatã.

**Previsão**

Aesa informou que há possibilidade de mais chuvvas hoje no Sertão, Cariri e Curimatã

Para a Agência Nacional de Águas (ANA), vai instalar, de 2 a 6 de março, medidores de vazão ultrassônicos no açude de Coremas. De acordo com o diretor-técnico da Aesa, Porfírio Loureiro, a medida vai permitir que o órgão faça o monitoramento do manancial de forma mais precisa. Entre as cidades atendidas pelo açude de Coremas estão Patos, São Mamede e Condado, no Sertão.

Segundo Porfírio Loureiro, o manancial conta, atualmente, com apenas 19,2% da capacidade, o equivalente a 113 milhões de metros cúbicos, que requer atenção. Por isso, vamos instalar esses medidores ultrassônicos em substituição às régua, que não oferecem uma medição precisa. Com isso, teremos capacidade de gerenciar melhor os recursos hídricos desse reservatório, promover o uso da água com racionalização”, explicou, adiantando que “a medida ainda vai nos permitir trazer a estratégia mais adequada no combate a eventuais problemas hídricos na região abastecida pelo sistema”.

**PB só tem 20,6% de sua reserva hídrica**

Segundo o diretor-técnico da Aesa, Porfírio Loureiro, mesmo com as chuvvas que caíram em janeiro, a Paraíba está com apenas 20,6% de sua reserva hídrica. “Isso significa que devemos redobrar a atenção, gerenciar ainda mais os recursos hídricos de forma eficiente. Para isso, é fundamental que a população faça parte desse processo, e continue fazendo uso da água de forma racional”, pontuou. O diretor acredita que a situação ficará mais confortável com o chegada do inverno, previsto para maio.

“Com a chegada do período chuvoso, esperamos que os principais reservatórios tenham reservas significativas e, assim, possamos ter uma situação bem mais favorável. É necessário ressaltar, no entanto, que o uso racional da água é fundamental para que o Estado possa conquistar uma situação mais tranquila”, disse. Ele informou que, em maio, a Aesa terá uma análise mais precisa da situação hídrica do Estado e vai definir quais medidas serão tomadas.



Chuvvas em Monteiro causaram a queda de árvore, além de alagamentos em ruas e casas

## Coremas terá medidores mais precisos

Figura 1 - Matéria do jornal Correio da Paraíba, relacionada a chuvvas.

Ao analisarmos as notícias, percebemos uma grande incidência na editoria de Cidades, que apresenta pautas cotidianas, relacionadas à realidade rotineira dos municípios do Estado da Paraíba. Com isso, não há uma ampliação do debate sobre a temática, o que acarreta uma perspectiva de naturalização do acontecimento (Figura 2).



Figura 2 - Previsões catastróficas e cotidianas em mais uma matéria.

Quando ocorre uma catástrofe, as pessoas próximas ficam chocadas a ponto de se sentir impotentes. Sem dúvida, grandes catástrofes têm esse efeito. Parece que as pessoas têm a expectativa de que as catástrofes tenham curta duração. Mas catástrofes crônicas são tão desagradáveis para as pessoas vizinhas que estas aos poucos se tornam indiferentes, se não apenas impacientes, em relação a elas e a suas vítimas. [...] Quando a emergência se prolonga, as mãos amigas voltam a seus bolsos e o fogo da compaixão esfria. (JOSEPH ROTH, [S.N], p. apud BAUMAN, 2014, p.55)

A imagem do Semiárido Paraibano é, na maioria das notícias observadas, associada ao sofrimento da seca, o que reitera a antiga construção cultural observada em obras literárias de Guimarães Rosa e de Rachel de Queiroz, acerca da vida de penúria dos sertanejos em contraposição à riqueza do litoral. Isto pode ser evidenciado pela presença do mesmo ícone da típica terra rachada ao lado de grande parte das notícias referentes ao Semiárido, como forma de identificação temática do texto (Figura 2).

Os títulos e imagens específicas também são bastante sugestivos. No final de fevereiro de 2015, o Correio da Paraíba publicou uma reportagem de capa intitulada "Persistência Nordestina", com o seguinte subtítulo: "Correio traz, amanhã, histórias de luta na paisagem cinza". No *corpus* analisado, este é o único texto em que o sertanejo tem voz ativa. No



entanto, a ideia construída a partir de palavras-chave como "persistência", "luta" e "cinza" remete a uma ancoragem já conhecida como representação social recorrente em relação às populações do semiárido.

Observamos ainda que a voz dos agricultores não aparece na narrativa abaixo (Figura 3), que mostra a feira de produtos agrícolas sem agrotóxicos sob o ponto de vista dos consumidores, isto é, dos habitantes da região metropolitana de João Pessoa. Esta notícia também reflete o caráter passivo dos personagens nas notícias e denota uma espécie de "enquadramento urbano", considerando principalmente o meio de circulação do veículo e seu público-alvo.

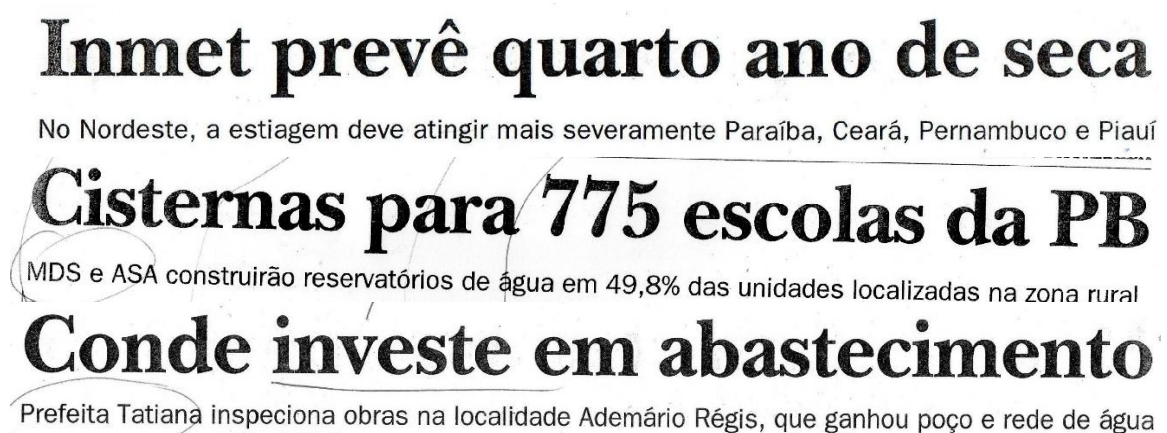


Figura 3 - Notícia acerca de agroecologia.

Levando em conta a temática das matérias, manchetes como "60 mil famílias da PB recebem cisternas" e "Alunos aprendem sobre reuso da água", exemplificam uma dimensão ainda minoritária, mas que começa a ser timidamente incorporada no noticiário: as políticas de convivência com o semiárido. Entretanto, a semântica de passividade que constitui ambos os verbos (receber e aprender), nas manchetes, revelam o assujeitamento dos residentes do semiárido paraibano, na visão do jornal Correio da Paraíba.

Instituições como a Articulação do Semiárido Paraibano, a Cagepa, o Ministério das Cidades e a Assembleia Legislativa, além de pautarem as temáticas retratadas no jornal, orientam toda a produção jornalística (Figura 4). Chuvas, obras de infraestrutura, previsões de estiagem e projetos legislativos são os principais acontecimentos que desencadeiam os textos jornalísticos encontrados no Correio da Paraíba, comumente embasados em declarações de órgãos ou especialistas. Isto aponta para um caráter puramente informativo e uniforme, próximo ao ideal de objetividade tradicional e típico desta plataforma midiática. Esta técnica jornalística é explicada por Breed:

o jornalista pode utilizar a fonte mais pelo que é do que pelo que sabe. A maioria das pessoas acredita na autoridade da posição. Quanto mais prestigioso for o título ou a posição do indivíduo, maior será a confiança das pessoas na sua autoridade. Chama-se a isso a hierarquia da credibilidade. [...] A produtividade é outro critério de avaliação das fontes. A produtividade diz respeito às razões pelas quais, normalmente, prevalecem as fontes institucionais: é que elas fornecem os materiais suficientes para fazer a notícia, permitindo que os jornalistas não tenham de recorrer a demasiadas fontes para obterem os dados ou os elementos necessários (BRED, 1955/1993, p. 155 apud TRAQUINA, 2012, p. 192)



**Inmet prevê quarto ano de seca**  
No Nordeste, a estiagem deve atingir mais severamente Paraíba, Ceará, Pernambuco e Piauí

**Cisternas para 775 escolas da PB**  
MDS e ASA construirão reservatórios de água em 49,8% das unidades localizadas na zona rural

**Conde investe em abastecimento**  
Prefeita Tatiana inspeciona obras na localidade Ademário Régis, que ganhou poço e rede de água

Figura 4 - Conjunto de manchetes que revelam o caráter majoritariamente unidirecional do agendamento.

Constatamos também que algumas poucas perspectivas de convivência com o semiárido presentes nos relatos jornalísticos vêm eliminando aspectos estigmatizadores, a exemplo da reportagem "Persistência nordestina", citada acima, que dá voz ao morador do semiárido. Essa escolha garante a humanização da narrativa, prática que se aproxima do modelo dinâmico de produção jornalística proposto por Medina (1990).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como já foi dito anteriormente, a maior parte das matérias encontradas no Correio da Paraíba tratam de assuntos relacionados a luta pelo acesso à água, tendo como agentes as instituições oficiais e dando maior ênfase na agenda pública de órgãos como Cagepa, Agência Nacional das Águas, Assembléia Legislativa, entre outros órgãos. Em menor escala, encontramos notícias relacionadas a desertificação, agricultura, agroecologia, economia solidária, gênero e clima.

Constatamos ainda que a narrativa jornalística representa os moradores da região do semiárido paraibano de forma passiva, dando voz apenas às instituições públicas ou privadas, ONGs, sindicatos, entre outras.

Diante disso, identificamos que o Correio da Paraíba, no período analisado, traz maior ênfase no seu agendamento à perspectiva de combate à seca, em contraposição aos projetos e políticas voltados à convivência com o semiárido, reiterando de certa forma, a perspectiva fatalista da seca na Região, reproduzida por muitas instituições locais.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DUARTE, J & BARROS, A.. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2a. Edição. São Paulo: Atlas, 2006.

DUQUE, Ghislaine. “Conviver com a seca”: contribuição da Articulação do Semi-Árido/ASA. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 17, p. 133-140, jan./jun. 2008.

BAUMAN, Zygmunt. CEGUEIRA MORAL: A PERDA DA SENSIBILIDADE NA MODERNIDADE LÍQUIDA. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2014. 1ª Edição.

ECO, Umberto. número ZERO. Editora Record, 2015. 4ª Edição.

GOFFMAN, Erving. Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Márcia Bandeira de Melo Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

McCOMBS, Maxuel. “Um panorama da Teoria do Agendamento 35 anos depois de sua formação.” INTERCOM. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v.31. n.2. jul/dez.2008.

McCOMBS, Maxuel. Setting the agenda. The mass media and public opinion. Polity Press: Cambridge, 2004.

MEDINA, Cremilda A. Entrevista – O diálogo possível. São Paulo: Editora Ática,1990. 2ª Edição.

THOMPSON, John Brookshire. *A Mídia e a Modernidade*: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2011.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo – Porque As Notícias São Como São. São Paulo: Insular, 2012. Vol 1. 3ª Edição.

TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. 2aed. Lisboa: Veja Editora, 1999.